

Entrevista com Vilson José Leffa: a presença do criador da “Linguagem & Ensino”

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer¹
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Preliminares

Na edição que marca os 25 anos da *Revista LINGUAGEM & ENSINO*, o texto de abertura teria de trazer o Prof. Vilson José Leffa, idealizador e criador do periódico. Pesquisador e Professor com atuação reconhecida no país e no exterior, sempre reconheceu a indispensável necessidade de fazer circular o conhecimento, visando a uma discussão ampla e avançada da ciência e a uma formação sólida e atualizada de novos professores e pesquisadores. Sua própria produção científica, de qualidade incontestada, o situa como um dos grandes líderes nos estudos e nas reflexões inovadoras com que a área da Linguística Aplicada tem contado no Brasil.

Criada por Vilson Leffa, em 1997, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), a *Revista LINGUAGEM & ENSINO* migrou, em 2018, juntamente com o Programa, para a Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

A *Revista LINGUAGEM & ENSINO* constitui-se em uma das grandes iniciativas acadêmicas que precisa ser destacada na vitoriosa carreira de Vilson Leffa, que se mantém vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel.

Vilson Leffa é graduado em Letras – Português/Inglês pela UNISINOS, Mestre em Estudos Linguísticos e Literários, pela UFSC, Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade do Texas/Estados Unidos, com Pós-Doutoramento pela Universidade de Bristol/ Inglaterra. Foi professor da UFRGS e da UCPel e foi Pesquisador Visitante da Universidade da Califórnia, em Irvine/Estados Unidos. É Professor Titular pela UCPel e é Pesquisador Nível 1 do CNPq.

Na entrevista a seguir apresentada, Vilson Leffa expõe um pouco de sua larga e importante trajetória acadêmica (com a simplicidade, a despretenção e a generosidade de sempre), reservando o foco de sua fala para a *Revista LINGUAGEM & ENSINO* e para o tema

¹ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Produtividade Nível 1A do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4505-7521>. E-mail: carmen.matzenauer@gmail.com.

que congrega os artigos reunidos neste número: ensino e aprendizagem de línguas/linguagens, formação de professores e tecnologias digitais.

Entrevista

Carmen: Como parte do privilégio de ter compartilhado contigo, Vilson Leffa, tantos ideais acadêmicos, tantas horas de trabalho conjunto no mesmo Programa de Pós-Graduação, tantas interessantes e profícuas discussões sobre Linguística e Ensino de Línguas, com as quais muito aprendi, tenho agora a oportunidade especial de, como entrevistadora, trazer perguntas importantes para o Leffa Linguista, Pesquisador e Professor de grande destaque. Teus estudos e tua produção científica, Leffa, provocaram sempre muita reflexão e muito avanço no campo da Linguística Aplicada e estimularam também grande admiração por parte dos colegas e dos alunos. O inovador trabalho que desenvolveste sempre te reservou, de forma indubitável, um espaço diferenciado, de especial relevo, no cenário da Linguística Aplicada no Brasil. Agradeço a distinção de, nesta nova condição de entrevistadora, poder estar diante de ti, reconhecendo que muito merece ser desvelado na tua brilhante vida acadêmica. É com admiração e respeito muito particulares que, mais uma vez, vou poder te escutar.

Carmen: Com data de janeiro de 1998, o primeiro número da Revista LINGUAGEM & ENSINO, criada por ti, Vilson Leffa, foi lançado há 25 anos, em início de outubro de 1997. O evento, prestigiado por um grande número de professores e de alunos de várias universidades do país, foi em uma tarde fria e chuvosa no hall da Universidade Católica de Pelotas. A Revista logo obteve grande prestígio no círculo acadêmico, alcançou expressiva circulação e até hoje é avaliada como um dos mais importantes periódicos da área da Linguística no Brasil.

Gostaria de saber: foi a ampla visão de Professor e Pesquisador que identificou a relevância da criação de um periódico científico vinculado a um Programa de Pós-Graduação que buscava consolidação no cenário nacional?

Foi a imensa dedicação à produção, à disseminação do conhecimento e à formação de pós-graduandos que te manteve, durante tantos anos, como Editor da Revista LINGUAGEM & ENSINO?

Vilson Leffa: Carmen, é uma honra muito grande fazer esta entrevista com uma pessoa que tem um trabalho reconhecido na comunidade Linguística, do Brasil e do exterior; é o caso em que a entrevistadora é mais importante do que o entrevistado. Alguém poderia até perguntar: “Quem é este Vilson Leffa?” E alguém só poderia responder: “Olha, quem é, eu não sei, mas a entrevistadora dele é a Professora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer”.

Brincadeiras à parte, não há dúvida de que o crescimento da Revista, em circulação e prestígio, não é só trabalho meu. É claro que tem muita paixão minha investida na edição da Revista, mas há também uma contribuição muito grande da energia positiva que imperava no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica na época, sob tua direção. Acho que esta sinestesia contaminou a todos, incluindo aí a editora da universidade, o

interesse dos pesquisadores em publicar em nosso periódico, o apoio do CNPq durante alguns anos, e finalmente a continuidade do trabalho de edição, sempre com muita competência acadêmica, não só na Católica, mas também na Universidade Federal, depois da migração do Programa.

Carmen: Foi também a inquietude de fazer circular o conhecimento que te levou a compilar e a editar, como parte da Revista LINGUAGEM & ENSINO, a "Publicação Eletrônica" - TELA (Textos em Linguística Aplicada), com vínculo ao então Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel?

O TELA contou com edições em forma de CD e DVD – TELA 1 (2000), TELA 2 (2003), TELA 3 (2006), TELA 4 (2009) – e uma edição online: TELA ONLINE (iniciado em 2016). O TELA alcançou, desde a primeira edição, circulação nacional e internacional como o maior acervo em Linguística Aplicada existente no país. Foi uma radiografia do que se fazia no Brasil sobre o ensino e o uso da linguagem, dentro e fora da sala de aula, desde os aspectos fonológicos até a análise do discurso.

Aliada ao gosto pela tecnologia, já estava enraizada em ti a visão de que circulação do conhecimento precisava ir além das publicações impressas?

Vilson Leffa: A ideia do Projeto TELA partiu de uma frase que ouvi, pela primeira vez, de ti: “Ciência é ciência publicada”. Guardei a frase porque se encaixava com o que eu tentava fazer desde o tempo em que era professor da UFRGS, onde fui diretor do Centro de Linguística Aplicada, e publicava um boletim com pesquisas dos professores do Instituto de Letras.

Realmente, o TELA foi uma continuação da Linguagem & Ensino, expandindo-se do texto impresso em papel para o texto digital, indo, como gosto de dizer, da matéria para a luz. TELA começou com a publicação em CD-ROM, em 3 edições. Na quarta edição, por falta de espaço para acomodar a quantidade de textos, evoluímos para o DVD, publicando mais de 5.000 textos completos, incluindo 23 anais de congressos, 22 livros, 214 dissertações, 170 teses, além das edições da Linguagem & Ensino.

Em 2016, como falaste, o TELA foi para a nuvem, onde continuou crescendo, mas em ritmo menor, dando espaço a outras tecnologias de curadoria. Permanecerá no ar até 2025, mas acho que já terá cumprido seu papel, disseminando pela internet o trabalho de muitos colegas e servindo de fonte para muitos pesquisadores.

Carmen: O que levou te levou, como Professor voltado a diferentes campos, como a Psicolinguística, o ensino do Português e o ensino de Língua Estrangeira, à busca da interação entre educação e tecnologia?

A disciplina “Produção e Avaliação de Materiais De Ensino”, tantas vezes ministrada por ti no nosso PPG em Letras, contribuiu para esse encaminhamento?

Houve algum marco especial no direcionamento das escolhas dos temas de pesquisas que têm sido desenvolvidas por ti?

Sendo um dos pioneiros nos estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas/linguagens mediados por tecnologias digitais no país, poderias contar um pouco da tua história no campo da Linguística Aplicada?

Vilson Leffa: Eu comecei minha carreira de professor em uma escola de línguas estrangeiras/adicionais, dando aulas de inglês. A língua estrangeira, para compensar a distância do interlocutor nativo, sempre procurou tirar proveito da contribuição da tecnologia para aproximar esse interlocutor do aluno e proporcionar situações mais autênticas de uso da língua. No início eram os discos de vinil (sim, eram usados no ensino de línguas!), depois os gravadores de rolo, de fita K-7, laboratórios de línguas, rádio, TV e finalmente a internet.

A grande contribuição da tecnologia era servir de suporte para mostrar a língua ao aluno e mais recentemente para facilitar a interação autêntica, via aplicativos de mensagens e de vídeo. O que antes era inimaginável, agora é possível: qualquer aluno, de praticamente qualquer país, pode conversar ao vivo com pessoas de outros países, usando a língua que estiver sendo estudada, em situações autênticas de uso.

O grande salto da tecnologia foi a passagem do ambiente analógico, com base na matéria (papel impresso, por exemplo), para o ambiente digital, com base na luz, os bits e bytes dos computadores. De uma hora para outra, entramos no mundo das transmissões praticamente instantâneas de arquivos e das teleconferências de uma pessoa para outra, anulando as distâncias geográficas e, pelo menos teoricamente, viabilizando o acesso a universidades e bibliotecas de todo o planeta. Foi uma viagem tecnológica que eu acompanhei, do vinil à internet.

Carmen: O Projeto ELO (Ensino de Línguas Online), idealizado e criado por ti, foi a primeira experiência que o nosso PPGL desenvolveu na área de Ensino a Distância e, pela repercussão que o projeto alcançou, logo se vislumbrou o seu caráter inédito no Brasil.

O que significou a criação do ELO nos teus direcionamentos como Docente e como Pesquisador?

Em que medida o ELO influenciou ou estimulou a visão sobre a relação entre ensino/aprendizagem de línguas e tecnologias digitais?

Alguma produção científica ocupou ou ocupa espaço especial na tua carreira de Professor e Pesquisador?

Vilson Leffa: O ELO é, na sua essência, um sistema de autoria que oportuniza ao professor produzir material didático interativo, capaz de simular a interação professor-aluno. O maior orgulho que tenho do ELO é o de ter ouvido, mais de uma vez, um aluno dizer, fazendo uma atividade elaborada no ELO, “Ah professor, parecia que o senhor estava falando comigo”. Ou seja, o ELO, a meu ver e de muitos colaboradores do projeto, tem essa capacidade de ampliar a ação do professor; não o substitui, apenas amplia o que ele faz.

ELO tem sido objeto de várias pesquisas, de diferentes olhares teóricos, dentro e fora do projeto. Aprendi muito com ele, na prática e na teoria. O que mexeu comigo mais

recentemente foi perceber que ele pode ser visto também da teoria da complexidade. ELO é feito de módulos e de repente me dei conta de que esses módulos podem ser vistos como fractais, fractais que se multiplicam, duplicando-se para formar unidades maiores, ao mesmo tempo repetindo padrões e se transformando, pela alteração das escalas em cada repetição. Foi minha “cachaça” por mais de vinte anos.

Carmen: Mostraste sempre grande preocupação com a formação de professores para a Cultura Digital. Formaste excelentes profissionais – hoje docentes universitários e pesquisadores – que muito têm contribuído para a valorização e a consolidação deste campo do saber nas instituições de ensino.

O que gostarias de dizer sobre tecnologias digitais e o futuro relativamente à formação de professores nos diferentes níveis de ensino?

Vilson Leffa: Minha experiência como professor de línguas e como formador de professores, do começo ao fim da carreira, foi sempre marcada pela ideia de que não existe uma panaceia, uma solução milagrosa, uma receita mágica que possa resolver todos os problemas do ensino de línguas, seja em termos de metodologia, seja em termos de tecnologias. Venho de uma época em que sempre se combateu a ideia de que haveria propostas à prova de professor. A tecnologia ou metodologia usada nunca seria capaz de superar a qualificação do professor. Sempre gostei e difundi ideias do tipo: (1) “Para dar uma boa aula precisamos de um professor e de um quadro, mas se não tiver o quadro, basta o professor”; ou então (2) “O professor que pode ser substituído por um computador deve ser substituído, por outro professor”. Então, embora eu tenha investido muito no uso da tecnologia como suporte para o ensino de línguas, não sou daqueles que acreditam que ela seja uma nova panaceia.

Sobre o futuro, fico restrito ao futuro imediato. Acho que por enquanto não dá para descartar o uso da tecnologia na educação. Temos que aprender a usá-la e obviamente usá-la em nosso benefício, servindo-se dela e não servindo a ela (desculpe o óbvio ululante).

Sobre o futuro mais distante, não tenho a mínima ideia do que pode acontecer. Dizem os pessimistas que estamos caminhando a passos largos rumo a uma pós-humanidade em que seremos dominados pelas máquinas, desaparecendo como seres humanos. Dizem os otimistas que nos tornaremos ciborgues, estendendo o poder da mão e da mente sobre as máquinas e nos empoderando como humanos. No fundo, minha tendência é me alinhar com os otimistas, mas acho mais prudente deixar isso em aberto.

Carmen: Tu és um pesquisador de destaque, nos círculos acadêmicos do país e do exterior, que muito tem contribuído para o avanço dos estudos no campo da Linguística Aplicada.

O que tens a dizer sobre o objeto de estudo da Linguística Aplicada hoje?

Vês ainda hoje conflitos entre a chamada Linguística “Pura” (entre aspas) e a Linguística Aplicada ou percebes uma atitude de complementaridade?

Que futuro vislumbras para a Linguística Aplicada?

Vilson Leffa: Em minha formação acadêmica, fui educado para ver a Linguística e a Linguística Aplicada não como duas ciências separadas pelo mesmo objeto de estudo, mas como duas ciências separadas por objetos de estudo diferentes: a Linguística preocupada com a língua produzida pelo falante ideal, e a Linguística Aplicada preocupada com a língua produzida por um falante autêntico em situações reais de uso, incluindo aí as variações que essas mesmas situações impõem no falante, como o nervosismo do momento, o “clima” da conversa, a formalidade etc., etc.

O que a gente não gostava de ouvir era a definição da Linguística Aplicada como uma aplicação da Linguística. Não nos víamos subordinados a outras ciências. Víamo-nos, sim, como uma ciência interdisciplinar, usando subsídios de áreas afins do conhecimento, incluindo a Psicologia, a Sociologia, a Pedagogia, a Informática, entre outras, e, claro, também a Linguística. Talvez tenham existido alguns atritos com a Linguística “pura”, mas acho que era mais como provocação. Ouvi colegas dizerem, por exemplo, que Linguística Aplicada “era igual a Linguística + dinheiro”, porque éramos nós que sustentávamos financeiramente os cursos. Sempre procurei levar essas provocações mais em tom de provocação mesmo. Nunca me senti prejudicado nas minhas solicitações de apoio junto aos órgãos de fomento, por exemplo. Este caráter interdisciplinar e suas variantes (transdisciplinar, transgressiva, indisciplinar) é o que marca, a meu ver, a natureza da Linguística Aplicada; está no seu DNA. Foi assim no meu tempo e acho que ainda continua.

Carmen: Foi a preocupação com a valorização e o desenvolvimento da Linguística Aplicada como ciência que te levaram a uma presença marcante em associações de destaque no país, como a ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil) e a ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), nesta por meio do GT de Linguística Aplicada e, na atualidade, por meio do GT de Linguagens e Tecnologias?

Vilson Leffa: Pois é, fui presidente da ALAB por duas vezes. Olhando pelo retrovisor, acho que minha contribuição maior para a ALAB foi trazer minha experiência como professor. Trabalhei no ensino privado e particular, em escolas de línguas e escolas regulares, no ensino básico, graduação e pós-graduação, o que me dá uma visão geral da área, pela menos da perspectiva da educação.

Por ser uma área interdisciplinar, com a necessidade clara de conversar com outras áreas do conhecimento, a Linguística Aplicada pode às vezes sentir-se com dificuldades de definir sua identidade. Daí a pressão, na época, de “mostrar a cara”, de dizer aos outros qual era nosso objeto de estudo.

Dessa preocupação saíram dois periódicos: a Revista Brasileira de Linguística Aplicada, publicada pela Faculdade de Letras da UFMG, e a Linguagem & Ensino, publicada inicialmente pelo PPGL da Universidade Católica de Pelotas, e atualmente pelo PPGL da Universidade Federal de Pelotas; ambos os periódicos com excelente avaliação pela comunidade acadêmica da área e publicação ininterrupta até hoje.

Carmen: Vilson Leffa, a tua trajetória profissional é admirável. Com grande competência, humor, simplicidade, dedicação, tens oferecido valiosa produção científica que tem determinado o avanço da Linguística Aplicada no Brasil e também tem oferecido condições de crescimento profissional para os colegas e alunos que têm o privilégio, como eu, de contigo compartilhar a vida acadêmica.

Gostaria, por fim, de te ouvir: o que hoje está primordialmente motivando a tua atividade de Docente e Pesquisador?

Sei que tens investido mais recentemente na produção de vídeos acadêmicos para o YouTube. Que motivação te levou a essa experiência?

Este é um dos caminhos que, na educação, serão privilegiados no futuro?

Vilson Leffa: Pois é, Carmen. Depois de 20 anos com o projeto ELO, inicio agora, já octogenário, o projeto ELA (Epifanias em Linguística Aplicada). A ideia é lançar um vídeo por semana, sobre temas da Linguística Aplicada, com textos mais acessíveis e usando os recursos da multimodalidade para facilitar a compreensão, incluindo áudio, vídeo e imagens.

Os primeiros resultados me pareceram promissores e me incentivaram a continuar. É uma maneira de pôr em prática o que eu tinha na teoria, trazendo o desafio de uma aprendizagem totalmente nova, pondo a mão na massa e experimentando o que eu nunca tinha experimentado.

É isso, Carmen. Te agradeço muito esta oportunidade. Acho que foi mais uma conversa do que uma entrevista. Adorei as perguntas, que me deram a oportunidade de reatar o diálogo, momentaneamente interrompido. Até uma próxima.

Vilson José Leffa

Graduado em Letras, Doutor em Linguística Aplicada.

Professor Titular pela UCPel. Professor do PPG em Letras da UFPel.

E-mail: leffav@gmail.com

Recebido em: 26/10/2022.

Aprovado em: 27/10/2022.